

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Curso de Bacharelado em Ciências Sociais



Trabalho de Conclusão de Curso

Em guerra pela pátria, em nome de Deus:
análise discursiva da CPI dos Atos Antidemocráticos

Ian Botelho Soares

Pelotas, 2024

Ian Botelho Soares

Em guerra pela pátria, em nome de Deus:
análise discursiva da CPI dos Atos Antidemocráticos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Mendonça

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

S676e Soares, Ian Botelho

Em guerra pela pátria, em nome de Deus [recurso eletrônico] :
análise discursiva da CPI dos Atos Antidemocráticos / Ian Botelho Soares
; Daniel de Mendonça, orientador. — Pelotas, 2024.
43 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Ciências Sociais ,
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de
Pelotas, 2024.

1. Bolsonarismo. 2. Oito de janeiro. 3. Teoria do discurso. I.
Mendonça, Daniel de, orient. II. Título.

CDD 320

Ian Botelho Soares

Em guerra pela pátria, em nome de Deus: análise discursiva da CPI dos Atos
Antidemocráticos

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 02/12/2024

Banca examinadora:

Prof. Dr. Daniel de Mendonça (Orientador)

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Bianca de Freitas Linhares

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo César Neves Barboza

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas

Resumo

SOARES, Ian Botelho. **Em guerra pela pátria, em nome de Deus**: análise discursiva da CPI dos Atos Antidemocráticos. Orientador: Daniel de Mendonça. 2024. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Após as eleições de 2022, bolsonaristas, insatisfeitos com os resultados do pleito, montaram acampamentos em frente a exércitos por todo o país, além de realizarem protestos violentos, que culminaram no dia oito de janeiro de 2023, em que os prédios dos Três Poderes foram invadidos e depredados. Posteriormente, ações legais e investigativas foram tomadas e uma delas foi a instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito dos Atos Antidemocráticos. Este trabalho de conclusão de curso, a partir da Teoria do Discurso elaborada por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, buscou responder a seguinte pergunta: Como os sujeitos bolsonaristas, após a derrota eleitoral de Bolsonaro, constroem discursivamente seus atos referentes ao oito de janeiro em seus depoimentos na CPI dos Atos Antidemocráticos? A hipótese sugere que o momento pós-eleitoral foi construído discursivamente como um cenário de guerra, a qual seria a luta de cidadãos de bem contra um inimigo, o comunismo, naquele contexto representado por Lula, que significava a negação dos valores bolsonaristas. Por meio da metodologia qualitativa do tipo documental, em conjunto com a técnica de análise de discurso, buscou-se atingir os objetivos e testar a hipótese em questão. Os resultados confirmam a hipótese, mostrando que o contexto pós-eleitoral foi significado como um momento de guerra, em que sujeitos de bem, patriotas, conservadores e religiosos lutavam contra um inimigo maior: o comunismo e todos seus agentes. Destaca-se o uso de valores morais para justificar tentativas de romper com a democracia brasileira.

Palavras-chave: bolsonarismo; oito de janeiro; teoria do discurso.

Abstract

SOARES, Ian Botelho. **In war for the homeland, in the name of God**: a discourse analysis of the Parliamentary Inquiry on Antidemocratic Acts. Advisor: Daniel de Mendonça. 2024. 43 pages. Undergraduate Thesis (Bachelor's in Social Sciences) – Institute of Philosophy, Sociology, and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

After the 2022 elections, dissatisfied Bolsonaro supporters set up camps in front of military facilities across the country and held violent protests, culminating on January 8, 2023, when the buildings of the Three Branches of Government were invaded and vandalized. In response, legal and investigative measures were implemented, including the establishment of the Parliamentary Commission of Inquiry on Antidemocratic Acts. This thesis, grounded in the Discourse Theory developed by Ernesto Laclau and Chantal Mouffe, aimed to answer the following question: How do Bolsonaro supporters, after Bolsonaro's electoral defeat, discursively construct their actions related to January 8 in their testimonies to the Parliamentary Inquiry on Antidemocratic Acts? The hypothesis suggests that the post-election period was discursively constructed as a war scenario, portraying a struggle of "good citizens" against an enemy – communism - embodied by Lula, who represented a total rejection of bolsonarism's values. Through a qualitative, document-based methodology combined with discourse analysis techniques, the study aimed to achieve its objectives and test the proposed hypothesis. The findings confirm the hypothesis, showing that the post-election context was framed as a time of war in which "good citizens," patriots, conservatives, and religious fought against a larger enemy: communism and all its agents. The use of moral values to justify attempts to break with Brazilian democracy is highlighted.

Keywords: bolsonarism; january 8; discourse theory.

Sumário

1 Introdução	7
2 O bolsonarismo	10
3 Marco teórico-conceitual	14
4 Metodologia	18
4.1 Os nós criados	19
5 “É uma guerra espiritual”: os sentidos articulados após a derrota eleitoral	21
5.1 A CPI dos Atos Antidemocráticos	21
5.1.1 Os depoentes	22
5.2 “Comunismo não! Aqui o ladrão não vai subir mais!”: o antagonismo através de valores morais	24
5.2.2 Oito de janeiro ou “Não é golpe, é contragolpe!”	28
5.2.2.2 “Eu sou conservadora, cristã, patriota!”: equivalências entre patriotismo, religiosidade e conservadorismo	33
5.2.2.2.2 “A dor bloqueia o raciocínio”: a dimensão afetiva do oito de janeiro de 2023	35
6 Considerações finais	39
Referências	41

1 Introdução

Após as eleições presidenciais de 2022, que resultaram na vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, o Brasil vivenciou uma série de eventos marcantes. Nos dias e semanas seguintes ao pleito, diversos grupos, insatisfeitos com a derrota bolsonarista nas urnas, organizaram acampamentos em frente de instalações militares por todo o país, trazendo como pautas o pedido de uma intervenção das Forças Armadas e a revisão do resultado eleitoral. A tensão escalou com incidentes de violência e vandalismo, incluindo a queima de ônibus e carros, além de uma tentativa de ataque com bomba no aeroporto de Brasília, ampliando o clima de instabilidade. Esses atos de desordem apontavam para um cenário de descontentamento e desafio à ordem democrática. O ápice desses eventos ocorreu em oito de janeiro de 2023, quando os prédios que simbolizam a democracia brasileira – o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto – foram invadidos e depredados por milhares de pessoas trajando verde e amarelo. Esses edifícios, além de sua dimensão simbólica, representam a materialização da democracia, já que abrigam as instituições burocráticas responsáveis por colocar em prática, no sentido normativo, o regime democrático e o Estado Democrático de Direito. Nesse sentido, invadi-los e depredá-los expôs os sentimentos antidemocráticos expressados naquele momento.

O dia oito de janeiro marcou um ponto crítico na história política recente do Brasil, evidenciando as intensas divisões e o desafio à democracia que o país enfrentava e que ainda reverberam até o presente momento¹. Após os acontecimentos do dia oito, consequências legais começaram a ser executadas. Envolvidos nos ataques foram presos, lideranças responsáveis pelos atos passaram por investigações rigorosas. A Suprema Corte brasileira, especialmente o ministro Alexandre de Moraes, desempenhou um papel central na condução dos processos, resultando em prisões preventivas e julgamentos que responsabilizaram os envolvidos direta e indiretamente pelos atos antidemocráticos. Os processos judiciais, até o presente momento, resultaram na condenação de mais de 200 executores desses atos, por crimes como dano qualificado, abolição violenta do Estado Democrático de Direito, golpe de Estado, deterioração do patrimônio tombado e associação criminosa

¹ Este trabalho foi redigido ao longo do segundo semestre de 2024, em que vários desdobramentos dos atos antidemocráticos aconteceram, como a revelação do plano Punhal Verde e Amarelo, por exemplo.

(Falcão, 2024). Sendo um dos desdobramentos legais, no âmbito da Câmara Legislativa do Distrito Federal, a Comissão Parlamentar de Inquérito dos Atos Antidemocráticos teve como objetivo identificar pessoas direta e indiretamente responsáveis por esses ataques. Ao longo de 2023, a CPI realizou 33 reuniões, com 27 oitivas que ouviram 31 depoentes, desde civis envolvidos nos acampamentos e atos, até autoridades e possíveis financiadores (CLDF, 2023).

Nesse sentido, a pergunta que guia este trabalho é: Como os sujeitos bolsonaristas, após a derrota eleitoral de Bolsonaro, constroem discursivamente seus atos referentes ao oito de janeiro em seus depoimentos na CPI dos Atos Antidemocráticos?

A hipótese, formulada através de observações empíricas do autor relativas ao oito de janeiro, em conjunto com o amadurecimento teórico sobre fenômenos como o lulismo e o bolsonarismo, sugere que o momento pós-eleitoral, marcado pela derrota bolsonarista nas urnas, foi construído discursivamente como um cenário de guerra, a qual seria a luta de cidadãos de bem contra um inimigo, o comunismo, naquele contexto representado por Lula, que significava a negação completa dos valores bolsonaristas.

O objetivo principal deste trabalho é compreender as construções discursivas de sujeitos bolsonaristas depoentes na CPI dos Atos Antidemocráticos através da Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015). A partir dessa teoria, que é a base teórica e metodológica deste trabalho, tentaremos compreender também os seguintes objetivos específicos:

- Analisar o contexto de emergência do oito de janeiro de 2023;
- Identificar o(s) antagonismo(s) no discurso dos depoentes bolsonaristas;
- Analisar quais demandas e valores estão articulados em suas construções discursivas após a derrota eleitoral;
- Identificar a dimensão afetiva dos discursos.

Além de ser esse um acontecimento recente e impactante na política brasileira, justifica-se esse trabalho por notar uma abordagem essencialista em estudos recentes sobre os eventos pós-eleitorais. Em trabalhos como os de Boaventura (2023), Correa et al. (2023), Martinuzzo e Darriba, (2023) nota-se uma tentativa de enquadrar o bolsonarismo como um fenômeno de massas contemporâneo, porém, em nossa perspectiva, a partir de Laclau e Mouffe (2015), não é suficiente ver esse fenômeno

como uma massa de pessoas hipnotizadas por um líder eloquente e carismático. Para apreender as dimensões do discurso bolsonarista pós-eleições, é necessário exercitar o olho calmo sobre esses eventos e o que eles podem significar para pessoas que, de uma forma ou de outra, sentiram-se convidadas a participar de ataques contra a democracia brasileira.

Para atingir os objetivos delimitados e testar a hipótese, este trabalho divide-se, contando com esta introdução, em seis capítulos. O capítulo dois trata de uma revisão de literatura que aborda o fenômeno do bolsonarismo e como ele surgiu e se sedimentou na política brasileira. O capítulo três desenvolve o marco teórico-conceitual, aprofundando-se na Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015) e em seus principais conceitos que foram basilares para este trabalho. No capítulo quatro são detalhados os procedimentos metodológicos. No capítulo cinco localizam-se os resultados e discussão, divididos ainda em seis subcapítulos que abordam a CPI dos Atos Antidemocráticos, os depoentes analisados, além de destrinchar a cadeia de equivalências e o antagonismo observados em seus discursos na CPI. No capítulo 6, são apresentadas as considerações finais.

2 O bolsonarismo

O bolsonarismo despontou no contexto político brasileiro como um movimento de extrema direita guiado pelo conservadorismo e pela retórica populista de seu líder, Jair Messias Bolsonaro (Mendonça, 2020). Para compreender o surgimento do bolsonarismo, é preciso, primeiro, discorrer brevemente sobre seu ponto antagônico: o lulismo. O lulismo, termo cunhado pelo cientista político André Singer (2012), refere-se a um fenômeno político que surgiu durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva, marcado pela relação entre Lula e o subproletariado, as camadas mais pobres da população brasileira. Singer define o lulismo como uma forma de realinhamento eleitoral e político, em que o governo adotou políticas sociais para reduzir a pobreza, principalmente a miséria, assim ativando o mercado interno, porém sem confronto direto com o capital. Combinando elementos de conservação e mudança, o lulismo operou um reformismo moderado, promovendo a inclusão social e a redução da pobreza, ao mesmo tempo em que manteve a ordem estabelecida (Singer, 2012). Singer também vê no lulismo uma forma de revolução passiva, em que as demandas populares são incorporadas sem mobilização radical, gerando mudanças graduais e mantendo a estabilidade. Enquanto mobiliza para si as classes mais baixas a partir de suas políticas inclusivas, há um afastamento da classe média a partir do escândalo do “mensalão”. O lulismo, assim, articulou uma nova configuração política no Brasil, transcendendo as divisões clássicas entre direita e esquerda, polarizando a sociedade entre as classes média e alta *versus* as pobres (Singer, 2012).

Em relação ao bolsonarismo, autores apontam que sua germinação ocorreu após as “jornadas de junho” de 2013, fortalecendo-se com os protestos contra a corrupção, pelo impedimento da ex-presidente Dilma Rousseff em 2015 e 2016, além do contexto de crise econômica, que envolvia a queda no mercado internacional de preços dos *commodities* (Mendonça, 2020; Luz, 2022; Hoffman, 2022). Ao mesmo tempo, Bolsonaro ascendia no cenário político. Sua ascensão foi facilitada pela insatisfação generalizada com a classe política e pelos escândalos de corrupção que envolviam o Partido dos Trabalhadores (PT). No cenário eleitoral de 2018, Bolsonaro, filiado ao Partido Social Liberal (PSL)², capitalizou sobre as controvérsias que envolviam o PT, como a operação Lava Jato e a prisão de Lula, para fortalecer sua

² Em 2022 o PSL fundiu-se ao partido Democratas (DEM), formando um novo partido, o União Brasil.

imagem de "cidadão de bem" e *outsider* político. Sua campanha utilizou intensivamente as redes sociais para manter o contato direto com seu público, direcionando ressentimentos à esquerda e angariando o apoio de diversos segmentos sociais conservadores e de direita (Luz, 2022; Hoffman, 2022). Nesse sentido, é importante destacar que a ascensão das novas direitas no Brasil, culminando na eleição de Jair Bolsonaro, como destaca Caldeira Neto (2020), é marcada pela reconfiguração do campo político-partidário, com alianças entre agendas neoliberais e estratégias autoritárias. Essas novas direitas devem ser entendidas como um fenômeno plural, fragmentado e transnacional, englobando grupos como monarquistas, evangélicos, militaristas e neofascistas, unidos pelo anticomunismo, e mais diretamente pelo antipetismo, além da oposição a pautas progressistas. Embora fragmentados, esses grupos compartilham elementos comuns, como a crítica à esquerda e a defesa de um nacionalismo autoritário. A aproximação de grupos neofascistas ao bolsonarismo, apesar de não ser a origem do movimento, demonstra como figuras autoritárias catalisam esses diversos segmentos, promovendo uma agenda conservadora e antidemocrática (Caldeira Neto, 2020).

Para compreender Bolsonaro e sua ascensão, é relevante também entender sua base eleitoral e como estes foram mobilizados ao longo do tempo. Luz (2022), em sua tese de doutorado que analisou o discurso pré-eleitoral e eleitoral de Bolsonaro, entre 2015 e 2018, aponta que o povo do discurso bolsonarista é articulado através de três formas: reativa, afirmativa e unificadora. A forma reativa diz respeito à subjetivação do povo através de um viés reativo, mobilizando aquilo que não se é. O povo bolsonarista é contra o comunismo, contra a corrupção e a mentira dos políticos, protesta por sua liberdade e define-se como uma maioria que teme perder sua representação no *status quo*. Apesar disso, essa maioria não é formada por traços identitários, mas sim através de valores e convicções morais (Luz, 2022). A perspectiva afirmativa, por sua vez, constrói um "nós" voltado aos denominados cidadãos de bem, que são cristãos, conservadores, que se veem como a maioria moral e produtiva do país. Esse grupo acredita representar os verdadeiros trabalhadores e patriotas, defendendo valores tradicionais e religiosos. Eles esperam que o presidente e as leis reflitam suas convicções e liderem contra aqueles considerados "sem pátria" (Luz, 2022). A visão unificadora do "nós", por sua vez, tenta apagar as diferenças regionais, étnicas e culturais do Brasil, ignorando as

desigualdades socioeconômicas históricas. Essa abordagem busca suavizar a imagem negativa associada a declarações racistas, homofóbicas e xenofóbicas, promovendo a ideia de união e igualdade, defendendo um Brasil que é indivisível, deixando de lado a luta de classes e demais características específicas. Nesse sentido, o uso de símbolos patrióticos apareceu como elemento unificador, ligando as três formas de construção do povo no discurso bolsonarista, dissolvendo diferenças em torno de preceitos patrióticos. O orgulho de ser brasileiro e o incentivo à participação política ajudaram a formar a identidade coletiva dos grupos que elegeram Bolsonaro em 2018, organizando-os afetivamente em torno do patriotismo e do que os patriotas buscavam combater (Luz, 2022). Em consonância com isso, Mendonça (2020) expõe como o bolsonarismo organizou-se em 2018 através de três eixos: moral, econômico e judicial. O eixo moral reflete uma tentativa de moldar a sociedade com base em valores cristãos tradicionais, com forte apoio de setores neopentecostais, que elegem Bolsonaro como defensor da família e dos "bons costumes", sendo estes ameaçados pelos governos de esquerda anteriores. O eixo econômico consolidou-se com a aliança de Bolsonaro com Paulo Guedes, que trouxe apoio do mercado nacional e internacional ao defender privatizações e reformas neoliberais. O eixo judicial, por fim, é centrado no discurso anticorrupção, sendo decisivo na vitória de Bolsonaro. A associação com Sérgio Moro e a Lava Jato reforçou a imagem de Bolsonaro como uma figura que prometia moralizar a política brasileira, posicionando-se contra o PT e o sistema corrompido (Mendonça, 2020).

A partir da eleição de Bolsonaro, como indica Mendonça (2023) seu eleitorado passa a adotar a alcunha de "patriotas" e a agrupar nesse significante pautas morais, como a religiosidade e os valores da família tradicional, além do antagonismo contra a esquerda e o PT. O comunismo no discurso bolsonarista é construído como o antagonismo central, ameaçando valores como a religião cristã, a família tradicional, a liberdade e o patriotismo. O bolsonarismo apresenta a defesa desses valores como uma resposta ao comunismo ateu e totalitário, associado a inimigos como o Partido dos Trabalhadores e Lula. Dessa forma, a instrumentalização da religião reforça essa narrativa, tornando a vontade divina o fundamento das ações políticas e justificando a luta contra o comunismo como um dever moral (Mendonça, 2023).

Com o que foi exposto até aqui, podemos apreender como o bolsonarismo surgiu e articulou-se ao longo do tempo com pautas morais e excludentes, mobilizando

setores descontentes da sociedade brasileira e formando um movimento de extrema direita pautado na dicotomia “nós contra eles”, fundamentada em valores morais e religiosos que por sua vez são mobilizados contra a esquerda e o PT, considerados inimigos da nação.

No próximo capítulo é abordada a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, bem como conceitos elaborados pelos autores que foram basilares tanto teórica quanto metodologicamente para este trabalho.

3 Marco teórico-conceitual

O alicerce teórico-metodológico desta pesquisa foi a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015), além de contribuições posteriores dos autores como a Teoria do Populismo elaborada por Ernesto Laclau (2013) e contribuições sobre os afetos na política de Chantal Mouffe em obras como: *Por um populismo de esquerda* (2020) e *Towards a Green Democratic Revolution: Left Populism and the Power of Affects* (2022). O marco inicial da Teoria do Discurso foi a obra *Hegemonia e Estratégia Socialista: Por uma Política Democrática Radical* (2015), originalmente publicada em 1985. Nesse livro os autores partiram de uma crítica ao marxismo e sua concepção essencialista de sociedade, apontando que esta corrente teórica funcionava sob uma lógica reducionista das relações do campo social adstritas ao antagonismo de capital contra trabalho (Mendonça, 2009). A partir dessa crítica, desenvolveu-se uma teoria que compreende que não existem sentidos sociais constituídos *a priori* e fechados, mas sim sentidos incompletos que devem ser entendidos em seus contextos de inserção e emergência, os quais são sempre precários e contingentes, e, portanto, sujeitos à mudança (Mendonça, 2003).

Nesse sentido, entra em cena a noção de discurso, que não se limita a atos de fala ou escrita, mas envolve práticas sociais significativas (Mendonça, 2003). Segundo Laclau e Mouffe (2015), o discurso trata-se de uma prática articulatória que organiza e constitui as relações sociais, sendo uma totalidade composta por diversos elementos, incluindo, mas não se limitando à fala, à escrita e às ações que delas decorrem. Assim, as emergências discursivas no social são viabilizadas pelos contextos específicos em que surgem, sendo influenciadas pelas contingências das condições materiais de seu momento.

Para Laclau e Mouffe (2015), o discurso é formado por articulações entre elementos dispersos no social que se organizam em torno de um ponto nodal e de um ponto antagônico em comum. Estes elementos, que representam diferenças e particularidades, ao se unirem em torno de um denominador comum, tornam-se momentos articulados em uma cadeia de equivalências. A especificidade do contexto onde essa cadeia se forma faz com que esses elementos assumam uma identidade comum, viabilizada, mas ao mesmo tempo limitada, por um antagonismo que impede sua plena realização (Mendonça, 2003). Nessa dinâmica, afetos, valores, crenças, ou seja, subjetividades sociais, também são mobilizados na tentativa de constituir

identidades num determinado discurso, que por sua vez está inserido em um contexto de emergência específico.

A pluralidade de demandas presentes nessa cadeia de equivalências acaba por constituir uma subjetividade social mais ampla, abrindo espaço para a formação de uma identidade, que requer algo e se antagoniza contra alguém que impede esse algo de se realizar. Nesse processo forma-se um laço hegemônico, no qual uma identidade particular passa a representar toda essa cadeia, ocorrendo o que Laclau (2013) denomina como totalização. Essa particularidade que se totaliza - nunca de maneira completa, mas sempre contingente e precária - passa por um processo de hegemonização. Essa identidade é elevada ao papel de representar como totalidade essa cadeia de equivalências, porém é uma totalidade que nunca pode ser de fato alcançada, pois opera entre a tensão da lógica da equivalência e da lógica da diferença. Essa tensão é muito importante para compreender a própria formação dessa identidade, pois como indica Laclau (2013), frente ao elemento que essa cadeia se antagoniza, todas as outras diferenças presentes nela passam a se equivaler. Portanto, a equivalência passa a subverter a diferença, e a totalidade é formada nessa tensão, nunca alcançando de fato a plenitude almejada.

O que temos, em última análise, é uma totalidade fracassada, o espaço de uma inalcançável plenitude. Essa totalidade constitui um objeto ao mesmo tempo impossível e necessário. Impossível porque a tensão entre equivalência e diferença é, em última instância, insuperável; necessário porque sem alguma espécie de fechamento, por mais precário que possa ser, não haveria significação nem identidade (Laclau, 2013, p.119).

A identidade que passa por esse processo de hegemonia, por nunca alcançar a completude, passa a ser um significante vazio, pois sua própria particularidade possui um caráter inalcançável. Com isso exposto, podemos compreender de que maneira se constrói a categoria povo no campo discursivo do populismo. Essas totalidades, sempre fracassadas em alcançar sua plenitude, dizem respeito a um horizonte almejado e não a um fundamento dado e centralizado. Nesse sentido, a totalização hegemônica passa por diversos processos e jogos de sentidos, nos quais os afetos desempenham um papel muito importante em sua formação. Chantal Mouffe (2020, 2022) através do diálogo entre o pós-estruturalismo e a psicanálise, além de

autores como Freud, Spinoza e Stavrakakis, destaca a importância da dimensão afetiva na construção de identidades políticas. Para Mouffe (2022), no campo político são mobilizadas paixões ao invés de puramente emoções, pois as últimas tratam de um sentido mais individual, enquanto que para formar subjetividades coletivas é necessário mobilizar afetos comuns entre as pessoas. Antes do que descobrir ou revelar uma identidade já estabelecida, é necessário construir vontades coletivas através de identificações, o que envolve investimentos libidinais que podem ser direcionados a diversos significantes, formando subjetividades que podem reformular-se através de contextos específicos. Porém, paixões não são apenas elementos positivos, podendo haver também a mobilização de subjetividades através de sentimentos como raiva e ressentimentos direcionados a diferentes objetos, como grupos sociais ou determinadas políticas (Mouffe, 2022).

Como citado anteriormente, outro ponto importante para a formação do povo de um discurso populista é o antagonismo. Se pensarmos numa demanda não atendida enquanto ponto de partida da formação de um povo, fica claro que por trás dessa demanda também há alguém que não se preocupa em atendê-la.

Isso, porém, implica introduzir no quadro um poder que não atendeu à demanda. Uma demanda sempre é dirigida a alguém. Assim, desde o início, estamos confrontados com uma divisão dicotômica entre demandas sociais não atendidas e um poder insensível a elas (Laclau, 2013, p. 140).

O antagonismo diz respeito à própria negação da identidade de determinado discurso, em que “a presença do “Outro” me impede de ser plenamente eu mesmo” (Laclau, Mouffe, 2015, p. 202). Portanto, cadeias de equivalências completamente opostas se antagonizam, criando uma relação entre inimigos. Essas identidades precisam negar-se completamente, para assim, conquistar sua hegemonia, seu momento de representação. Com a impossibilidade dessa plena realização, o que se consegue formar em última instância são identificações antes que identidades, pois estas últimas não são dadas e não têm como existir concretamente em um campo discursivo sempre marcado pela precariedade e contingência (Mouffe, 2020). Assim, também, todo discurso perde seu caráter objetivo e finalístico, demonstrando a impossibilidade de uma ordem ou identidade social fechada (Mendonça, 2009).

É relevante para a análise em tela compreender a fluidez e plasticidade que uma determinada subjetividade social carrega, além das possibilidades de mudança e reformulação desta identidade num determinado contexto histórico e discursivo.

No capítulo seguinte ver-se-á os procedimentos metodológicos desta pesquisa, como o tipo de abordagem, o *corpus* discursivo e a técnica de análise. No subcapítulo. 4.1 são abordadas as categorias analíticas obtidas através da análise realizada no *software* NVivo, além da cadeia de equivalências dos discursos.

4 Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo documental, amparada pela técnica de análise de discurso, que por sua vez foi alicerçada na Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015)

Os sete depoimentos aqui analisados foram acessados através da plataforma Youtube, no canal do portal de notícias Uol³. A chave de busca para encontrá-los foi: “CPI dos Atos Antidemocráticos”. Esses sete depoimentos foram delimitados após a análise exploratória dos 31 depoentes ouvidos na CPI dos Atos Antidemocráticos. Ao observar os sete bolsonaristas participantes dos acampamentos e atos violentos em Brasília, indicados como lideranças ou influência nos movimentos pós-eleitorais pela CPI, foi decidido analisar seus discursos devido ao seu papel nos atos, e também por considerá-los representações do discurso bolsonarista pós-eleitoral. Com a delimitação, teve início o processo de assistir e transcrever os depoimentos. Como auxílio para a transcrição utilizou-se a ferramenta de transcrição automática do Youtube, sendo necessário fazer apenas ajustes mais pontuais, identificados em revisão realizada posteriormente, o que facilitou esse processo. Além de perguntas que ocorrem ao longo da CPI, observou-se a importante inserção de vídeos e imagens por parte dos Deputados, que procuravam contextualizar melhor suas indagações e as ações em pauta nas oitivas, indicando uma satisfatória cobertura dos fatos ao longo dos depoimentos.

Na tabela a seguir constam os nomes dos depoentes delimitados para essa análise, a duração de seus depoimentos em vídeo e o número de páginas transcritas.

Tabela 1 – *Corpus* empírico da pesquisa.

Depoentes	Duração do depoimento	Páginas transcritas
Ana Priscila de Azevedo	4:15:03	98
Cláudio Mendes dos Santos	2:37:35	70
Cacique Tserere e Armando Valentin Settin Lopes de Andrade	3:56:45	82
Alan Diego dos Santos e George Washington	5:11:57	122
Welington Macedo	2:18:33	66

³ Pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/@uol/featured>

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Com as transcrições prontas, os arquivos foram inseridos no programa NVivo 12. Esse *software* de análise qualitativa auxiliou na organização, categorização e interpretação dos dados, possibilitando a codificação dos depoimentos em categorias teóricas específicas, como veremos a seguir.

4.1 Os nós criados

A análise de discurso, no contexto dessa pesquisa, é uma técnica metodológica que procura compreender como os depoentes constroem significados em suas falas e ações. Aqui, como visto acima, consideramos, conforme Laclau e Mouffe (2015), que discurso não se limita a atos de fala ou escrita, mas envolve práticas que organizam e constituem as relações sociais, e que podem envolver desde palavras, ações, gestos, vestimentas, rituais, etc. Portanto, a técnica de análise de discurso aqui empregada busca identificar padrões discursivos que revelam como os sujeitos estruturam suas falas e ações e as implicações decorrentes delas.

Tendo isso em mente, os discursos foram analisados e codificados em categorias teóricas, chamadas de “nós” no NVivo 12. Com o auxílio do *software*, foram codificados e agrupados trechos que faziam alusão a sentidos mais específicos, havendo ainda a possibilidade da codificação dos mesmos trechos em categorias simultâneas quando houvesse relação entre elas. Na tabela 2 podemos visualizar as categorias criadas e o número de referências de cada uma:

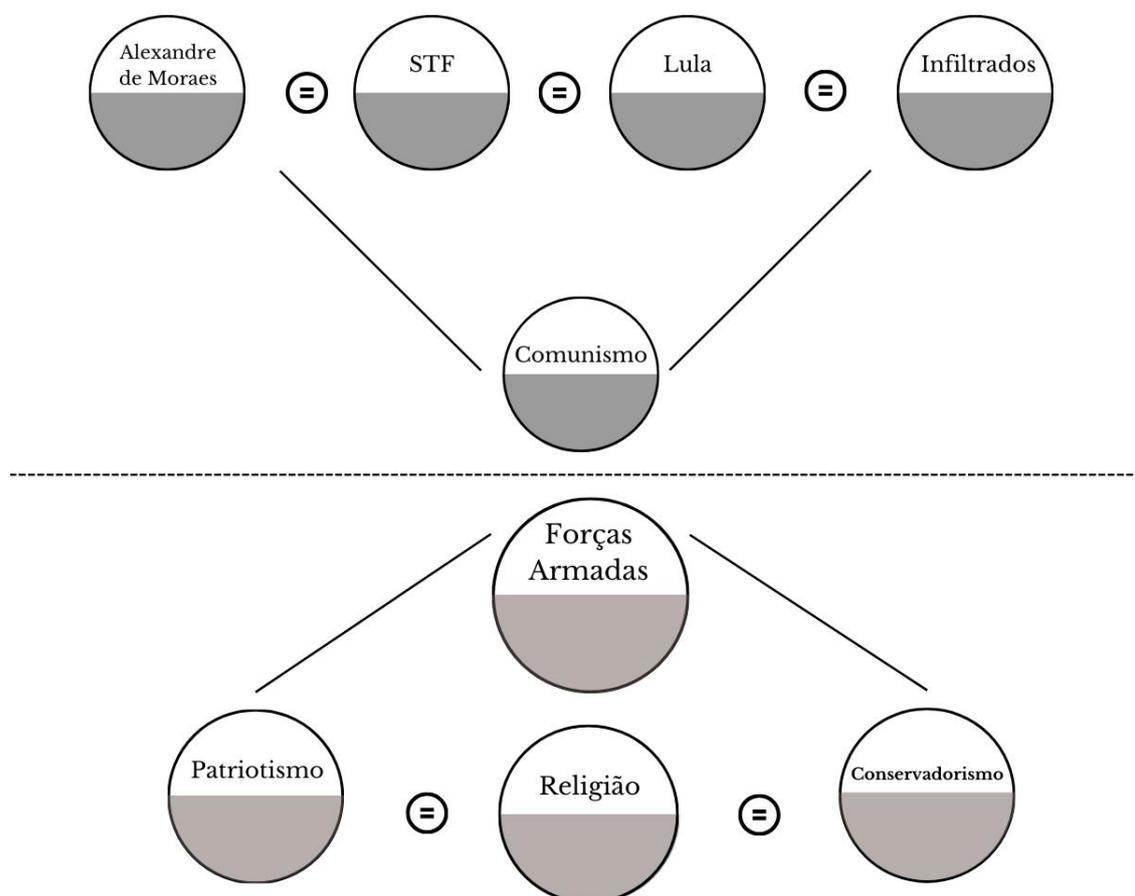
Tabela 2 – Categorias (nós) criadas no NVivo.

Nome do nó	Arquivos	Referências
Antagonismo	5	46
Forças Armadas	4	22
Patriotismo	5	30
Religião	5	21
Valores	5	16

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Com as categorizações foi possível identificar os principais pontos mobilizados pelos depoentes, como seu ponto antagônico e as demandas articuladas no momento pós-eleitoral. A partir destas categorias formulou-se a cadeia de equivalências dos discursos analisados, como podemos ver na figura abaixo:

Figura 1: Cadeia de equivalências dos depoentes analisados



Fonte: Elaborado pelo autor na plataforma Canva com base em Laclau e Mouffe (2015).

Essa cadeia de equivalências diz respeito a como o discurso bolsonarista estruturou-se após a derrota eleitoral de 2022 e será destrinchada na discussão desenvolvida ao longo do próximo capítulo.

5 “É uma guerra espiritual”: os sentidos articulados após a derrota eleitoral

Neste capítulo, são apresentados os principais resultados obtidos através da análise discursiva realizada a partir dos sete depoimentos prestados por bolsonaristas na CPI dos Atos Antidemocráticos. Com a análise, foi possível formular e esmiuçar a cadeia de equivalências apresentada na Figura 1. Ela evidencia o antagonismo e principais pontos nodais que moldaram a lógica discursiva dos sujeitos bolsonaristas nos eventos marcantes após as eleições de 2022. Destaca-se a centralidade antagonica em figuras como Lula e Alexandre de Moraes, significados pelos depoentes como inimigos da liberdade e da democracia. Em relação aos pontos nodais que formaram a identidade bolsonarista naquele momento, percebeu-se a mobilização de elementos morais e religiosos, com as Forças Armadas sendo significadas como liderança e esperança do movimento bolsonarista após a derrota eleitoral. Esses resultados serão discutidos mais detalhadamente nos próximos subcapítulos que buscam atingir os objetivos específicos deste trabalho: analisar o contexto de emergência do oito de janeiro de 2023; identificar o(s) antagonismo(s) no discurso dos depoentes bolsonaristas; analisar quais demandas e valores estão articulados em suas construções discursivas após a derrota eleitoral; identificar a dimensão afetiva dos discursos. Nesse sentido, buscou-se apreender o ponto antagonico dos depoentes, as Forças Armadas como o significante hegemônico da cadeia de equivalências de seus discursos e os pontos nodais que articulam os valores bolsonaristas: patriotismo, religiosidade e conservadorismo.

5.1 A CPI dos Atos Antidemocráticos

A CPI dos Atos Antidemocráticos, realizada no âmbito da Câmara Legislativa do Distrito Federal, teve como objetivo principal identificar os responsáveis, tanto direta ou indiretamente, pelos atos de vandalismo em Brasília, bem como possíveis financiadores e autoridades envolvidas.

Os principais atos tratados foram a tentativa de invasão na sede da Polícia Federal no dia 12 de dezembro de 2022, com incêndio de oito veículos e depredação de dois prédios da polícia; a tentativa de atentado à bomba no Aeroporto de Brasília

em 24 de dezembro de 2022 e a invasão e depredação dos prédios dos Três Poderes no dia oito de janeiro de 2023, em Brasília (CLDF, 2023).

Através do Ato do Presidente no 138 (Distrito Federal, 2023), foi composta a Comissão, que procurava respeitar a proporcionalidade da Câmara. O deputado Chico Vigilante (PT) foi definido como presidente da Comissão, e sua vice foi a deputada Jaqueline Silva (Sem partido). O relator, indicado pelo Presidente, foi o deputado Hermeto (MDB). Foram indicados como titulares os seguintes deputados: Robério Negreiros (PSD); Joaquim Roriz Neto (PL); Pastor Daniel de Castro (PP) e Fábio Felix (PSOL). Os suplentes foram: Gabriel Magno (PT); Paula Belmonte (CIDADANIA); Iolando (MDB); Martins Machado (REPUBLICANOS); Thiago Manzoni (PL) e Max Maciel (PSOL). Entre os sete integrantes da CPI, dois pertenciam à oposição e os demais faziam parte da base governista. Embora em minoria, a oposição reivindicava um dos cargos de destaque, alegando a importância de assegurar representatividade. Os governistas, por sua vez, também tinham interesse em ocupar esses postos. O acordo final, que colocou um deputado oposicionista na presidência e o ex-líder do governo como relator, refletiu um equilíbrio entre os interesses dos dois lados (CLDF, 2023).

Instaurada em nove de janeiro e encerrada em cinco de dezembro de 2023, a CPI realizou 33 reuniões, com 27 oitivas que ouviram 31 depoentes. Entre os depoentes haviam: Coronéis da Polícia Militar; Delegados de Polícia; empresários que supostamente teriam financiado os atos; Generais do Exército Brasileiro; servidores e ex-servidores da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal e participantes do acampamento bolsonarista em frente ao quartel-general do Exército em Brasília. Com mais de 200 requerimentos aprovados, a CPI também reuniu documentos e dados relevantes para seu relatório final, contribuindo nas investigações dos atos antidemocráticos (CLDF, 2023).

5.1.1 Os depoentes

Os sete depoentes aqui analisados foram os civis ouvidos pela CPI por serem participantes dos acampamentos e atos antidemocráticos. No contexto deste trabalho, foram selecionados por seu envolvimento no movimento bolsonarista, mas principalmente pelo papel que desempenharam nos eventos antidemocráticos que

sucederam após as eleições de 2022. A CPI dos Atos Antidemocráticos investigou sua participação direta ou indireta nos atos em Brasília, bem como sua possível influência no incentivo de ações mais radicais nas manifestações. Além disso, a CPI procurou esclarecer as ações, motivações e possíveis conexões com outras figuras envolvidas nos eventos pós-eleições.

A primeira escolhida é Ana Priscila de Azevedo, apontada como uma das organizadoras dos atos de vandalismo ocorridos nos prédios dos Três Poderes. A autointitulada patriota, conservadora e cristã, gerenciava grupos no Telegram e canais no Youtube com mais de 50 mil participantes, tornando-se uma das principais influenciadoras após a derrota de Bolsonaro nas urnas (Rios, 2023). Com esse canal de comunicação, Ana divulgava áudios e chamamentos visando anular o processo democrático, desempenhando o papel de agitadora, incentivando atos como “sitiar os Três Poderes”.

José Acácio Tserere Xavante, o Cacique Tserere, liderou manifestações antidemocráticas em diversas localidades de Brasília e participou do acampamento em frente ao quartel-general de Brasília. Filiado ao partido Patriota, o indígena é pastor missionário evangélico e líder dos indígenas Xavantes da Terra indígena Parabubura. Sua prisão foi decretada em dezembro de 2022, após a Procuradoria Geral da República apontar que este utilizava sua posição de Cacique do Povo Xavante para influenciar indígenas e não indígenas a cometer crimes, além de utilizar suas redes sociais para criticar e ameaçar Alexandre de Moraes, bem como alegar fraude nas eleições (CNN, 2022). A prisão de Tserere desencadeou protestos que resultaram na queima de oito veículos em Brasília, além da depredação e tentativa de invasão de dois prédios da Polícia Federal.

Armando Valentin Settin Lopes de Andrade foi interrogado por suspeita de envolvimento no planejamento de explodir subestações de energia elétrica do Distrito Federal. Armando também frequentava diariamente o acampamento em frente ao quartel-general do Exército e participava de reuniões que planejavam explosões em Brasília com lideranças dos acampamentos (CLDF, 2023).

Cláudio Mendes dos Santos, reserva da Polícia Militar do Distrito Federal e pastor missionário, foi apontado como uma das lideranças do acampamento, incentivando os atos antidemocráticos, além de pedir doações via PIX para a conta

bancária de sua esposa, quantia que seria destinada para financiar os atos (Campos, 2024).

Alan Diego dos Santos, George Washington e Wellington Macedo foram presos e chamados para depor na CPI devido a seu envolvimento na tentativa de atentado à bomba ao aeroporto de Brasília, suspeitos de planejar, construir e transportar o explosivo até o local. Além disso, George Washington teve um arsenal de armas, que incluía duas escopetas calibre 12, dois revólveres calibre .357, seis pistolas (sendo duas Glocks e uma CZ Shadow 2), um fuzil Springfield calibre .308, mais de 1000 munições de diversos calibres e cinco bananas de dinamite emulsão apreendidos no quarto do hotel em que estava hospedado (CLDF, 2023).

Esses sete indivíduos, apontados como nomes importantes no planejamento e realização dos atos golpistas foram, portanto, chamados à CPI para esclarecer a organização e execução dos ataques contra a democracia brasileira. A escolha deles para compor o *corpus* empírico da pesquisa aqui desenvolvida se dá por sua influência e ação nesses atos, mas também por compreendê-los como sujeitos de um discurso maior, o discurso bolsonarista, bem como serem eles propagadores da radicalização desse discurso frente à derrota de Bolsonaro nas eleições de 2022. A seguir, veremos cada um dos pontos nodais que formularam a identidade bolsonarista ressentida e combativa após a derrota nas urnas.

5.2 “Comunismo não! Aqui o ladrão não vai subir mais!”: o antagonismo através de valores morais

Com a análise discursiva foram identificados diversos pontos antagônicos ao longo do período pós-eleições, porém sempre convergindo para uma ameaça maior: o comunismo. Esse ponto nodal privilegiado de representação antagônica é formulado nos discursos através de valores morais e não construído como um argumento econômico ou teórico, por exemplo.

Nesse sentido, eram diversos os agentes desse comunismo, significados enquanto ameaça ao discurso bolsonarista. Isso pode ser melhor evidenciado no tensionamento entre as figuras de patriotas *versus* infiltrados manifestadas ao longo dos discursos. Essa construção é estabelecida por meio de uma dicotomia entre os verdadeiros apoiadores dos protestos pós-eleições e aqueles vistos como traidores

ou infiltrados nesses movimentos, que procuravam desestabilizar e sabotar a legitimidade da causa bolsonarista. Assim, a ideia da presença de infiltrados nos atos cumpre o papel de dissociar os protestos de atos violentos e ilegais, que são então atribuídos a supostos agentes disfarçados da esquerda.

George: Durante o período em que frequentei o acampamento montado em frente ao QG do Exército, percebi que havia vários petistas infiltrados entre os ambulantes, que passaram a envenenar os alimentos vendidos aos bolsonaristas com a intenção de desmobilizar os manifestantes, além de provocar tumultos e desordem entre as pessoas. Em posse dessas informações, há três semanas, entrei em contato com um importante general do Exército e reportei tudo sobre os infiltrados petistas no acampamento, dizendo que em breve poderia haver um grande derramamento de sangue se nada fosse feito. No dia seguinte, os militares do Exército expulsaram todos os ambulantes do acampamento (Depoimento de George Washington, 29/10/2023).

Ana Priscila: Bom, é preciso deixar claro, seu Deputado, que nós fomos apenas para uma manifestação pacífica. Então quando o senhor coloca os atos, aquele vandalismo, aquilo que aconteceu aquilo não foram os patriotas que fizeram.

Dep. Chico Vigilante: Quem foi?

Ana Priscila: Os infiltrados, com certeza (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Dep. Hermeto: Os pseudopatriotas estavam ali armados, com pedra, com tudo com... eles tinham técnica de adentrar, ali dentro, tudo, bombas.

Ana Priscila: Os infiltrados, sim. Os patriotas só tinham celular (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Ana Priscila: Então os verdadeiros infiltrados, os verdadeiros vândalos, assim como os *black blocks* lá em 2013 do “Fora Dilma”, eles também infiltraram pra tirar legitimidade de um ato que era democrático. [...] nós fomos atraídos para uma cilada. Em toda a história da direita do Brasil, não se ouve um ato aonde houvesse depredação dos prédios públicos, não tem caso de pichação, isso nunca aconteceu na história da direita (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Dep. Chico: Disseram que o senhor era um infiltrado de esquerda lá?

Armando: É. Falaram que eu era infiltrado de esquerda (Depoimento de Armando Valentin 31/08/2023).

Armando: Nosso interesse era estar ali, de forma pacífica, como sempre fomos. Mas chegaram pessoas estranhas, levando as coisas para um outro caminho que não era o nosso verdadeiro interesse. Aquilo me assustou (Depoimento de Armando Valentin 31/08/2023).

Ana Priscila: Então um grupo de verdadeiros infiltrados, que foram ali reconhecidos por todos os verdadeiros patriotas, que tinha infiltrados ali no acampamento. Esse grupo se juntou em cima de mim, me acusando de ser infiltrada, né. Então, assim, daí os patriotas se juntaram também, homens do exército ali me protegeram (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Essa divisão entre os legítimos patriotas e a acusação de pessoas que agem de determinadas formas como infiltradas remete ao que Althusser (1998) discorre sobre atos inscritos em práticas. Para o autor, a ideologia em que o sujeito está inscrito exige que ele aja conforme suas ideias, inscrevendo seus ideais em atos e rituais materiais, caso contrário:

[...] se ele não faz o que, em função de suas crenças, deveria fazer, é porque faz algo diferente, o que, sempre em função do mesmo esquema idealista, deixa perceber que ele tem em mente ideias diferentes das que proclama, e que ele age segundo outras ideias, seja como um homem “inconsequente” (“ninguém é voluntariamente mau”), ou cínico, ou perverso (Althusser, 1998, p. 91).

Dessa maneira, pode-se compreender porque a acusação de determinada pessoa ser infiltrada aparece nos contextos em que certos atos são entendidos enquanto contrários aos valores bolsonaristas, no intento de dissociar a imagem do movimento de algo negativo e contrário à ordem idealizada pelos mesmos.

Além dos infiltrados, o antagonismo se estende para figuras do processo democrático, como Alexandre de Moraes. Após o pleito de 2022, o ministro do Supremo Tribunal Federal e então Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, atuou no sentido de assegurar o respeito aos resultados das urnas, liderando ações contra manifestações que questionavam a lisura do processo eleitoral, além de combater notícias falsas e atos de violência (Brasil, 2024). Moraes também foi uma figura importante no processo de responsabilizar e julgar sujeitos envolvidos nos ataques do dia oito, com processos que transcorrem até o presente momento (Brasil, 2024).

[Inserção de vídeo] Tserere: O Alexandre de Moraes, ou ele pede a saída, ou ele renuncia do cargo da Suprema Corte, ou eu pego ele no pescoço e tira ele (Inserção em vídeo constante da sessão de Depoimento de Tserere Xavante, 31/08/2023).

[Inserção de áudio] Tserere: se o Generais não executarem o seu juramento podem me matar mas eu tiro o vagabundo do Alexandre de Moraes na marra, arranco ele pelo pescoço, ou podem mandar me prender (Inserção em áudio constante da sessão de Depoimento de Tserere Xavante, 31/08/2023).

[Inserção de vídeo] Wellington: Hoje eu fui mais uma vez vítima da truculência e da polícia política de Alexandre de Moraes, agentes fortemente armados invadiram meu apartamento em Brasília como se eu fosse um bandido de alta periculosidade. Na manhã desta quinta-feira dia 29, uma mega operação policial foi realizada em Brasília e em vários estados. Patriotas estão sendo caçados e o único crime é lutar por um país livre e mais justo, porque não aceitam que nossa nação fique nas mãos de bandidos. O STF tem agido como milícia, soltando bandidos e prendendo cidadãos de bem. Esse é o verdadeiro ato antidemocrático (Inserção em vídeo constante da sessão de Depoimento de Wellington Macedo de Souza, 05/10/2023).

[Inserção de vídeo] Wellington: Hoje eu me encontro exilado dentro do meu próprio país, num local seguro e já não posso ser monitorado. Estou tecnicamente foragido, numa violência judicial. O senhor Alexandre de Moraes tem o prazer nessa violência (Inserção em vídeo constante da sessão de Depoimento de Wellington Macedo de Souza, 05/10/2023).

[Inserção de vídeo]: Outros cidadãos gritando juntos: Aqui é tudo nosso! Comunismo não! Aqui o ladrão não vai subir mais!
 Cidadão com boné da seleção de futebol do Brasil: Nós, patriotas, líderes desse país, mandamos aqui na Constituição e ninguém vai comer ela. Senhor Alexandre de Moraes, seu Rodrigo Pacheco, acabou! Acabou!
 Cidadão envolto na bandeira do Brasil: Lugar de vagabundo é no inferno! Bando de pilantra! (Inserção em vídeo constante da sessão de Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Os discursos dos depoentes retratam, dessa forma, Moraes e instituições como o STF como se fossem forças opressoras do comunismo. Como indica Luz (2022) o antagonismo bolsonarista ao STF não é novidade. Ao menos desde 2014, alimentou-se um ceticismo crescente em relação às instituições democráticas, especialmente em relação ao STF. Essa desconfiança se dá pelo fato de os ministros serem, em grande maioria, indicados por Lula e Dilma, reforçando a ideia de que essa instituição é aparelhada ideologicamente e corrompida (Luz, 2022).

No contexto da derrota eleitoral, criou-se uma sensação de urgência em que a manifestação contra a eleição de Lula assume um caráter de uma cruzada religiosa, na qual as forças patriotas lutam para salvar a nação e libertar o país desse inimigo maior. Essa luta do eleitorado de Bolsonaro se dá por motivos principalmente morais, já que esse inimigo é construído enquanto ameaça à liberdade e à democracia, além de incorporar a negação de valores caros ao movimento bolsonarista.

[Inserção de áudio] Cidadão suspeito de financiar os atos: [...] eu gostaria de pedir ao agronegócio, a todos os empresários que deem férias para os caminhoneiros, para mais caminhoneiros virem aqui para Brasília, que nós precisamos de peso e de força aqui. É só 15 dias, não vai fazer a diferença, e queria também pedir aos CACs, os atiradores que tem armas legais, atiradores, hoje nós somos, inclusive eu, 900 mil atiradores, venham aqui mostrar presença para nós aqui, assim, se nós perdermos essa batalha, o que que vocês acham que vai acontecer? Vão pedir pra entregar as armas e aí perdeu mané, como que vamos defender a nossa propriedade e a nossa família? Deus tende misericórdia da nação brasileira, amém (Inserção em áudio constante da sessão de Depoimento de Tserere Xavante, 31/08/2023).

George: Em outubro de 2021, tirei minhas licenças para adquirir armas [CR e CAC] e, desde então, gastei cerca de 160 mil reais na compra de pistolas, revólveres, fuzis, carabinas e munições. O que me motivou a adquirir as armas foram as palavras do presidente Bolsonaro, que sempre enfatizava a importância do armamento civil, dizendo que “um povo armado jamais será escravizado”, além da minha paixão por armas, que tenho desde a juventude.

Após o segundo turno das eleições, passei a participar de protestos no Pará, e no dia 12 de novembro de 2022, fui para Brasília com minha caminhonete Mitsubishi Triton, levando comigo duas escopetas calibre 12, dois revólveres calibre .357, seis pistolas (sendo duas Glocks e uma CZ Shadow 2), um fuzil Springfield calibre .308, mais de 1000 munições de diversos calibres e cinco bananas de dinamite emulsão. Desses itens, o único que eu não tinha licença para possuir era a dinamite, que comprei por R\$ 600 de um homem do Pará, que me trouxe os explosivos quando eu já estava em Brasília. Eu também não possuía a guia de transporte das armas e, caso fosse parado pela polícia na estrada, minha ideia era acionar o ProArmas para justificar minha participação em alguma competição de tiro. A minha ida até Brasília tinha como propósito participar dos protestos em frente ao QG do Exército e aguardar o acionamento das Forças Armadas para pegar armas e derrubar o comunismo (Depoimento de George Washington, 29/10/2023).

[Inserção de vídeo]: Cidadão envolto na bandeira do Brasil: Oh Fachin, não é golpe, é contragolpe! Que vocês são golpista, bando de vagabundo! (Inserção em vídeo constante da sessão de Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

O tom belicoso desses discursos constrói uma narrativa em que a liberdade e democracia brasileiras estão sendo atacadas, sendo necessário então mobilizar uma guerra, em que os patriotas, por serem portadores de uma moral elevada e de um sentimento nacionalista, junto com as Forças Armadas, que representam todos esses valores, são os únicos capazes de salvar o Brasil dessa ameaça comunista. Ainda de acordo com Luz (2022), a ideia de democracia no bolsonarismo é construída através de valores individualistas, associada a valores tradicionais como em prol da família tradicional, da religião e por uma defesa da propriedade privada. A liberdade, nesse contexto, está associada com a possibilidade de se falar e fazer o que quiser, conquanto seja um princípio aplicado exclusivamente aos que compartilham o mesmo ponto de vista ideológico – o de direita. Esse ponto de vista é também marcado pela ênfase na ordem e no demarcamento das ideologias de esquerda enquanto essencialmente antidemocráticas (Luz, 2022).

No próximo subcapítulo, veremos como as Forças Armadas assumiram o posto privilegiado de representação do discurso bolsonarista articulado após a derrota eleitoral, assumindo o posto de serem elas as responsáveis por derrotar o comunismo que ameaçava o Brasil naquele momento.

5.2.2 Oito de janeiro ou “Não é golpe, é contragolpe!”

Após a derrota nas urnas em 2022, Jair Bolsonaro manteve-se em silêncio pela maior parte do tempo, fazendo esporádicas aparições públicas e evitando o diálogo

com apoiadores e a mídia (Lopes, Lima, 2022). Pronunciando-se somente 44 horas depois dos resultados do segundo turno, Bolsonaro não reconheceu diretamente a vitória de Lula, apenas pedindo para que seus apoiadores parassem de bloquear rodovias, ao mesmo tempo que justificava que esses estavam tomados pela indignação e pelo sentimento de injustiça (Costa, Paz, Said, 2022). Simultaneamente, apoiadores de Bolsonaro montavam acampamentos em frente de instalações militares, protestando contra o pleito e expressando o desejo por uma intervenção militar no país, gerando, ainda em Brasília, episódios de vandalismo. No dia 12 de dezembro, dia da diplomação de Lula⁴, bolsonaristas depredaram e incendiaram oito veículos, além da tentativa de invadir a sede da Polícia Federal e espalhar botijões de gás nas ruas (G1, 2023). Ainda em dezembro, na noite do dia 24, a Polícia Militar encontrou um explosivo instalado em um caminhão próximo ao aeroporto de Brasília (G1, 2023). Esses acontecimentos evidenciam a escalada do descontentamento bolsonarista e o desafio à ordem democrática vivenciado naquele momento.

Encerrando seu governo, Bolsonaro recusou-se a passar a faixa presidencial para Lula e saiu “à francesa” em viagem para a Flórida no dia 30 de dezembro de 2022. No entanto, sem repressões ou desencorajamento aos acampamentos e atos de vandalismo de seu eleitorado (Mattos, 2022). Nesse contexto, sete dias após a posse de Lula ocorreram os derradeiros ataques aos prédios dos Três Poderes, com a invasão e depredação do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal.

O oito de janeiro, nesse sentido, trata-se de um último apelo pela tentativa de concretizar a intervenção militar e o estado de sítio no Brasil. Após a saída de cena de Bolsonaro, as instituições militares tornam-se concretamente o ponto nodal privilegiado do discurso bolsonarista, em que essas são vistas como a última esperança para restaurar a ordem e evitar a instauração do comunismo no país. Os depoimentos indicam que os ataques violentos e a tentativa de explosão ocorridos em dezembro no Distrito Federal tinham como objetivo demonstrar o apoio ao Exército e instigar uma intervenção militar:

George: No dia 12 de dezembro de 2022, houve o protesto contra a prisão do índio onde eu conversei com os PMs e os bombeiros responsáveis por conter os manifestantes, que me disseram que não iriam coibir a destruição e o

⁴ Diplomação é o procedimento em que a Justiça Eleitoral confirma que um candidato foi eleito pelo povo, habilitando-o para tomar posse do cargo (Brasil, 2024).

vandalismo, desde que os envolvidos não agredissem os policiais. Ali, ficou claro pra mim que a PM e os bombeiros estavam ao lado do presidente e que em breve seria decretada a intervenção das Forças Armadas (Depoimento de George Washington, 29/10/2023).

Dep. Fábio Félix: [...] que o objetivo do declarante nesses atos, entrando nesses locais, era conseguir uma intervenção militar, chamar atenção para a necessidade de uma intervenção militar, única esperança para salvar o país (Depoimento de George Washington, 29/10/2023).

Dep. Hermeto: O senhor disse que as explosões eram para forçar uma possível intervenção do exército. Esse era o desejo de quem frequentava o acampamento?

Alan: Das pessoas que a gente ouvia lá, sim (Depoimento de Alan Diego dos Santos, 29/10/2023).

O discurso referente às Forças Armadas agrupa diversos elementos, como a esperança pela restauração da democracia – na visão bolsonarista - além da simbolização das instituições militares como detentoras da ordem e as responsáveis pela eliminação do ponto antagônico daquele momento, gerando conexões entre as demandas após a derrota eleitoral de 2022. Além disso, referências e símbolos das Forças Armadas são incorporados na semiótica bolsonarista, como o uso de roupas camufladas, bem como as ações de prestar continência e de entoar o hino nacional ao longo de seus atos, por exemplo.

Cláudio: [...] a única coisa que naquele lugar que parecia com algo militar, é o pessoal marchando parado com hino nacional e prestando continência (Depoimento de Cláudio Mendes dos Santos, 09/11/2023).

Ana Priscila: Jamais pensei que, ao atender ao chamado de militares, poderia ser marcada e presa, pois até então, era a instituição onde a população de patriotas depositava os maiores índices de aprovação. Afinal, os acampamentos ficaram montados por tanto tempo e por todo o país sem ninguém falar nada, em sentido contrário. Por isso ousamos pensar que éramos bem vindos, bastaria um soldado raso nos avisar que deveríamos sair, que teríamos ido embora. Ao contrário, vários foram os chamados para que fosse mantida a mobilização popular em favor da manutenção da legalidade, da transparência e das eleições limpas. Sinceramente acredito que assim pensaram os milhares de manifestantes. Ninguém pensou que estivéssemos fazendo algo errado nos acampamentos (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

[Inserção de áudio] Cláudio: Boa tarde, por aqui Major Claudio de Santa Cruz, direto aqui do QG do Exército de Brasília, dia 28 de dezembro, 59º dia do movimento de resistência civil do povo brasileiro. Pessoal, veja bem, brasileiro que votou em Jair Messias Bolsonaro tem que estar na rua a partir de agora, mas principalmente no dia 31, no dia primeiro, ok. Nós precisamos lotar as ruas, fazer uma greve, parar tudo, e não é crime não, a sua Constituição, a nossa Constituição Federal garante isso, o nosso Presidente já é o comandante-chefe das Forças Armadas, muitas coisas vão acontecer para deixar você confuso, entendeu. E numa guerra o 01 ele fica realmente afastado, a gente afasta o 01 para que ele não seja atingido, pô, então pensa, basta pensar. Tem coisa que vocês não vão entender no momento, mas tá tudo certo, vem pra rua, vem pra

Brasília, vamos lotar tudo, agora é QG, é rua, é rampa, vai ter brasileiro subindo em pé de árvore, tem que ser assim, Brasil! (Inserção em áudio constante da sessão de Depoimento de Cláudio Mendes dos Santos, 09/11/2023).

[Inserção de áudio] Ana Priscila: Quem não deixou que nós fossemos massacrados foram os comandantes que agora estão presos. Eles foram presos, que eles não acataram a ordem do Lula. Não falem do Exército, o Exército é a nossa única esperança. Vai vir para o Exército, o Exército tá rachando, vai haver uma insurgência dentro do Exército. Não falem deles, eles são as únicas pessoas que ajudaram a gente, a gente que viveu lá, viveu no campo de batalha, de verdade, na real [...] (Inserção em áudio constante da sessão de Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

[Inserção de áudio] Ana Priscila: Não falem mal do Exército, o Exército que tá ajudando a gente. Todo mundo no Exército tá contra isso daí. É só alta casta. É só os comandantes do sudeste, meia dúzia de comandante, o resto todo tá com o povo. Por favor para de falar mal do Exército, se não fosse o Exército eles iriam massacrar a gente ontem. Eles teriam massacrado a gente ontem. O Exército deixou a gente ficar lá, depois o Exército avisou a hora da gente sair. A maioria que foi preso porque foi teimoso, porque esperou, porque não acatou a ordem do Exército, o Exército falou “sai, vai embora, agora é a hora” (Inserção em áudio constante da sessão de Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Retomando brevemente o marco teórico aprofundado no capítulo 3, o ponto nodal, segundo Laclau e Mouffe (2015) é justamente esse significante vazio e privilegiado em uma cadeia de equivalências, capaz de reunir demandas heterogêneas e representa-las em um determinado contexto histórico e discursivo. As Forças Armadas e o próprio desejo de uma intervenção federal, nos depoimentos aqui analisados, são significadas de diversas formas, sem apresentar um sentido único e fechado, mas adequando-se simbolicamente de acordo com as demandas bolsonaristas expressadas no momento pós-eleitoral. Os diferentes significados, nesse sentido, operam o papel de unificar e garantir uma certa coerência para as demandas em pauta, sem precisamente representar um sentido concreto e fechado.

Dep. Chico: O senhor queria ou não queria?

Armando: Eu tava pedindo, mas eu não sabia, eu não sabia nem o que era na verdade, o que que podia fazer...

Dep. Chico: O senhor não sabe o que é uma intervenção militar?

Armando: Senhor, eu tenho 47 anos, eu não vivi uma intervenção militar tá, porém eu estava tão desesperado pela situação. Pois é, é lamentável, eu não quero mais nada (Depoimento de Armando Valentin 31/08/2023).

Dep. Hermeto: Em seu interrogatório o senhor falou que queria intervenção militar, por qual motivo o senhor queria intervenção militar?

Armando: Senhor, assim como outros tantos estavam tentando buscar alguém para dar uma luz no sentido de esclarecimento do que tava acontecendo, nós não sabíamos a quem recorrer, porque a princípio, não sei se os senhores se recordam, eles pediam intervenção Federal, depois pediam intervenção militar, todo dia era uma intervenção né, então a gente ia na onda, agora o

conhecimento do porquê aprofundado, eu não saberia te responder (Depoimento de Armando Valentin, 31/08/2023).

Alan: Um pedia intervenção militar, outro Federal, outro falava que tinha que invadir e quebrar tudo, outro falava que tinha isso e aquilo, tinha vários tipos de pessoas lá (Depoimento de Alan Diego dos Santos 29/10/2023).

A significação discursiva em torno das Forças Armadas demonstra como os depoentes privilegiam esse significante vazio como organizador de seus atos, ponto de representação da identidade bolsonarista e defesa de suas reivindicações. Embora as demandas e o próprio entendimento em torno do que seria uma intervenção das Forças Armadas fossem heterogêneos naquele momento, o seu papel era o de representar a solução para as frustrações e aspirações bolsonaristas após a derrota eleitoral e a ausência de Jair Bolsonaro. Vale ressaltar, porém, que o papel das Forças Armadas no bolsonarismo foi construído paulatinamente por Bolsonaro e aliados. Ao longo do tempo, Bolsonaro empenhou-se em ressignificar o regime militar e colocar as Forças Armadas como guardiãs da democracia e da ordem, associando o período ditatorial ao patriotismo, desenvolvimento e segurança (Luz, 2022). Através de diversas estratégias discursivas para reforçar a associação entre os militares e os valores de autoridade, ordem e soberania, Bolsonaro e aliados retrataram as instituições militares como incorruptíveis e capazes de proteger o país de ameaças, especialmente o comunismo. Essa narrativa atribuiu aos militares um papel de "heróis" que protegeram o Brasil de se tornar uma "nova Cuba" tanto em 1964 quanto em 2016, ano do impedimento de Dilma Rousseff. Esse processo simbólico foi reforçado ao longo dos anos em atos públicos e nas redes sociais, nos quais Bolsonaro aparece cercado de militares, exalta seus feitos e aponta a necessidade de retomar valores da época. A presença de militares de alta patente em seu governo, como Hamilton Mourão, e em seus ministérios demonstram essa aliança (Luz, 2022). Com isso, o discurso cria uma polarização entre "patriotas" e "comunistas", na qual os militares representam os defensores da nação, e qualquer oposição, especialmente a esquerda, é vista como uma ameaça à ordem e à liberdade. Esse clamor popular pelo retorno dos militares ao poder é uma produção discursiva que não encontra resistência entre os apoiadores de Bolsonaro, sendo absorvida gradualmente por eles. Dessa forma, o discurso vai além da admiração pelos valores militares e se torna uma reivindicação pelo resgate desses valores, retratando as Forças Armadas como os verdadeiros guardiões de uma democracia seletiva, que deve estar alinhada a uma

única ideologia e protegida contra a ameaça das minorias e dos opositores, vistos como perigosos para a integridade nacional (Luz, 2022).

No subcapítulo seguinte, veremos como os valores fundamentais do bolsonarismo apresentados nos discursos analisados – patriotismo, religiosidade e conservadorismo – se articulam para formular a identidade combativa do momento pós-eleitoral.

5.2.2.2 “Eu sou conservadora, cristã, patriota!”: equivalências entre patriotismo, religiosidade e conservadorismo

A análise discursiva indicou uma forte ligação entre os pontos nodais patriotismo, religião e conservadorismo. De acordo com Laclau e Mouffe (2015), a articulação entre diferentes elementos em uma cadeia de equivalências é fundamental para formar uma identidade coletiva. No contexto dos discursos aqui analisados, esses três elementos se reforçam mutuamente na procura de sedimentar a identidade do “cidadão de bem”. Esse cidadão é patriota, religioso – principalmente no direcionamento evangélico e neopentecostal – além de portar valores alinhados ao conservadorismo. Nesse sentido, esses cidadãos, ligados afetivamente por valores comuns, lutam contra um inimigo claro, como melhor discorrido no subcapítulo 5.2, o comunismo e todos os agentes que o representam.

O patriotismo, nos discursos analisados, é justamente construído discursivamente para que represente e evoque sentimentos de devoção e lealdade ao país, mas também para marcar fronteiras bem delimitadas de pertencimento. Caldeira Neto (2020), indica como movimentos de extrema direita no Brasil vêm criando uma narrativa que une um nacionalismo autoritário com o conservadorismo, se opondo à esquerda política e ao comunismo. Assim, o patriotismo expressa não apenas o amor pela pátria, mas uma adesão a diversos valores que são construídos enquanto valores do cidadão de bem brasileiro. Podemos apreender a intersecção entre o patriotismo e valores nos seguintes trechos:

Dep. Chico: Que que é um patriota pro senhor?

Wellington: Patriota é um cidadão que gosta da família, que cumpre a legislação brasileira, que respeita a justiça e as autoridades constituídas por Deus, como vocês aqui estão, sejam de direita ou de esquerda (Depoimento de Wellington Macedo de Souza, 05/10/2023).

Dep. Paula Belmonte: A senhora era bolsonarista, era conservadora, de direita?
Ana Priscila: Eu não sou bolsonarista. Perdão. Eu não sou bolsonarista, eu sou patriota (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Ana Priscila: Não, eu sou conservadora, eu sou cristã, sou patriota e dentro que as pessoas entendem eu sou de direita (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

A identidade patriota mobilizada nesses trechos demonstra a junção de valores conservadores com a fé cristã, com o patriotismo indo além de posicionamentos políticos, por exemplo, representando a defesa de valores mais elevados como os nacionais e morais. A religiosidade, nesse sentido, não é apenas uma crença pessoal, mas sim um ponto nodal importante que mobiliza ações políticas. Como Ana Priscila de Azevedo indica “É um âmbito espiritual. Nós somos cristãos, nós somos conservadores. Nós temos o entendimento de que isso é uma guerra espiritual” (Ana Priscila, 28/10/2023). A luta bolsonarista do momento pós-eleitoral transcende o sentido material, dizendo respeito também à uma destinação espiritual, como é possível notar na seguinte fala do depoente Alan dos Santos:

Alan Diego: [...] eu fui passear mas com o tempo fui notando pessoas pedindo intervenção Federal, intervenção militar, AI5, mas aí eu vi que ia acontecer o mal e que ia acontecer uma cagada. Mas depois que eu vi eu não consegui ir embora, eu perdia as caronas e ficava “será que é?” por que alguns anos atrás um pastor dos Estados Unidos ligou pro meu pastor e falou que devíamos fazer um jejum porque ia acontecer uma coisa muito grande no Brasil, e ninguém sabia o que que era, e nós fizemos um propósito, e nós orávamos e jejuávamos e ali não entendemos o propósito, e depois que estávamos em Brasília eu acabei entendendo o porquê que eu estava aqui (Depoimento de Alan Diego dos Santos 29/10/2023).

A religiosidade, mais especificamente o cristianismo evangélico, é um pilar moral que cumpre o papel de justificar e legitimar as ações bolsonaristas contra a eleição de Lula. Como aponta Luz (2022), não é novidade para o bolsonarismo mobilizar a religiosidade para nutrir um sentimento de anticomunismo e ao mesmo tempo cultivar valores tradicionais e familiares, significando-os enquanto fundamentos nacionais. Essa construção permite reforçar a dicotomia entre os verdadeiros patriotas e os inimigos da nação que merecem ser expurgados por um bem maior.

O conservadorismo, portanto, é a cola que une os elementos patriotas e religiosos, percebidos enquanto valores elevados. No contexto dos discursos analisados, esses valores são a justificativa para mobilizar uma luta contra o

comunismo, ameaça direta a todos os valores vistos como positivos pelos bolsonaristas.

[Inserção de áudio] Tserere: somos de direita, somos conservadores, somos até mais radicais do que os próprios militares, porque nós queremos é que feche o Congresso e o Supremo e que tem uma Junta Militar governando o país (Inserção em áudio constante na sessão de Depoimento de Tserere Xavante, 31/08/2023).

Ana Priscila: Apenas lutávamos com os nossos sentimentos, que eram traduzidos em orações por um Brasil melhor. Eu particularmente, jamais defendi nomes, mas sim ideias e ideais. Esperávamos apenas um Brasil sem crimes, sem violência, e principalmente, sem a corrupção que assombrou o governo por tantos anos (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

[Inserção de vídeo] Ana Priscila: A única informação que vocês terão a respeito de nós, é que nós vamos colapsar o sistema! Os ônibus, as caravanas, estão saindo do país inteiro do país inteiro! Do país inteiro! Então nós vamos sitiar Brasília! Nós vamos sitiar os Três Poderes! Nós estamos tomando o poder de assalto, poder que nos pertence! O poder que nos foi roubado! [Gritos: É tudo nosso!] (Inserção em vídeo constante na sessão de Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

As equivalências entre patriotismo, religiosidade e conservadorismo, moldam, portanto, tanto a identidade bolsonarista, quanto ajudam a criar uma narrativa de luta e resistência para preservar um Brasil idealizado contra essa ameaça antagônica.

No próximo subcapítulo, será aprofundada a dimensão afetiva que permeou as narrativas bolsonaristas após a derrota eleitoral, demonstrando como afetos são instrumentalizados para reforçar a adesão aos ideais bolsonaristas postos naquele momento.

5.2.2.2.2 “A dor bloqueia o raciocínio”: a dimensão afetiva do oito de janeiro de 2023

Ernesto Laclau e Chantal Mouffe destacam em suas obras a importância dos afetos na formação de identificações políticas (Laclau, Mouffe 2015, Mouffe, 2020, 2022, Laclau 2013). No contexto dos discursos bolsonaristas após a derrota eleitoral de 2022, as paixões emergem como um elo entre suas percepções, pontos nodais e ações. Esta subseção aborda como a dimensão afetiva dos discursos analisados são articuladas, servindo para fortalecer a identidade coletiva e moldar suas ações.

Como abordado anteriormente no marco teórico-conceitual, para Mouffe (2022) no campo político mobilizam-se paixões, não meras emoções, pois paixões envolvem

afetos em comum de um determinado grupo em confrontação com uma identidade coletiva antagônica. Por meio de identificações e investimentos libidinais que perpassam diversos níveis e significantes, moldam-se subjetividades coletivas conforme seu contexto de emergência (Mouffe, 2022). Os significantes em que se investe libidinalmente e as paixões que surgem nesse processo podem ser tanto positivas como negativas, tais como amor, ressentimento, raiva. O que conta nessa mobilização é a prática dual entre ideias e afetos, a *jouissance* lacaniana, o que anima o desejo humano e instiga as pessoas a engajarem-se em determinado movimento ou ação política, por exemplo.

Nas narrativas dos depoentes, sentimentos como dor, ansiedade, esperança e indignação são destacados como motivação de suas ações e sustentam um antagonismo percebido como ameaça direta para sua estabilidade. A depoente Ana Priscila de Azevedo associa, em diversos momentos de seu depoimento, as emoções como uma reação direta à suposta injustiça eleitoral:

Ana Priscila: Era um pedido de justiça, aí pelo país, estávamos todos inconformados com o resultado das eleições (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Ana Priscila: É o mesmo *modus operandi*, nós só queríamos a transparência, nós só queríamos uma certeza, nós estávamos todos tomados pela emoção, estávamos dilacerados, sofridos, depressivos, nós não queríamos a volta de um governo..., tá (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Ana Priscila: Então assim, nós estávamos o quê? Emocionalmente todos abalados. Então assim, a dor, ela bloqueia o raciocínio. Nós estávamos sim emocionados. Então os verdadeiros infiltrados, os verdadeiros vândalos, assim como os *black blocks* lá em 2013 do “Fora Dilma”, eles também infiltraram pra tirar legitimidade de um ato que era democrático (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Ana Priscila: Senhor Deputado, nós estávamos tomados ali pela emoção. Uma emoção equivocada, um redemoinho de emoções, né. Deixar claro isso pro senhor. E eu já disse, todos nós estávamos tristes, estávamos abatidos, a dor bloqueou nosso raciocínio lógico ali e tudo mais, erramos (Depoimento de Ana Priscila de Azevedo, 28/10/2023).

Frente ao trauma da derrota eleitoral, esse ponto de vista reforça que os atos antidemocráticos refletiram um impulso emocional genuíno. O depoente Armando Valentim também indica o papel dos afetos nas ações após a derrota eleitoral:

Dep. Chico: O que levou o senhor frequentar tal acampamento?

Armando: Eu tinha uma ansiedade, eu tinha necessidade de passar lá, eu passava, não ficava lá o dia todo, nunca fiquei acampado também (Depoimento de Armando Valentim 31/08/2023).

Dep. Chico: O senhor chegou a doar alguma coisa?

Armando: Não cheguei a doar porque eu não tava tendo nem dinheiro para nada, que eu vivia lá eu não conseguia trabalhar, eu não conseguia, eu tava preocupado com o Brasil.

Dep. Chico: Preocupado em que sentido?

Armando: Eu queria, que nem eu te falei, eu prezo pela igreja, pelos bons costumes, eu fiquei com medo...

Dep. Chico: O senhor ficou com medo de quê?

Armando: Veja bem, antes da... quando a Dilma tinha saído, eu me lembro uma ocasião porque quem tinha uma casa que tinha três quartos ou quatro quartos e alguém que tivesse na rua e não tivesse direito, que não tivesse teto ou casa, eu teria que ceder um dos quartos.

Dep. Chico: O senhor acreditou nisso?

Armando: Eu fiquei traumatizado com isso. Isso me chocou, senhor (Depoimento de Armando Valentin 31/08/2023).

Dep. Hermeto: O senhor disse que tinha uma ansiedade para passar lá né?

Armando: Eu tinha, eu sentia uma necessidade, eu não sei explicar senhor (Depoimento de Armando Valentin 31/08/2023).

Armando demonstra como o medo e a ansiedade com o resultado das urnas foram catalisadores para frequentar assiduamente os acampamentos em frente ao quartel-general de Brasília, revelando que o medo estava associado com uma possível ameaça aos valores conservadores e cristãos.

O papel dos sentimentos nesses discursos reforça como os afetos não são secundários no campo político, como indicam Laclau e Mouffe (2015), mas que são intrincados discursivamente com outras articulações, formando práticas sociais. As narrativas que exaltam aspectos emocionais, no contexto analisado, acabam por formar a identidade de um povo como vítima de um ardil, que sofre com um sistema opressor e corrupto. Esse povo está indignado e sentindo-se injustiçado em relação à uma ameaça antagônica, ou seja, a derrota eleitoral e subsequente posse de Lula que significava a concretização da ameaça comunista. Dessa forma, sentimentos como medo e esperança são instrumentalizados tanto para criar uma coesão interna entre o grupo injustiçado, quanto para delinear a fronteira entre “nós” e “eles” – aliados fiéis ao movimento e inimigos e traidores. As paixões aqui são, portanto, mobilizadas para formar um povo magoado e reativo, disposto a lutar pelo bem de um Brasil idealizado.

A dimensão afetiva dos discursos analisados revela o entrecruzamento entre sentimentos, identidade política e ações coletivas. Mais do que reações individuais, os afetos são incorporados nas mobilizações discursivas, catalisando ações e reforçando fronteiras de pertencimento. O papel das paixões no bolsonarismo permite compreender como afetos servem para formular a identidade do movimento após a

derrota eleitoral, significando-os enquanto um povo honesto e injustiçado, lutando contra um *status quo* corrompido.

6 Considerações finais

No presente trabalho, buscamos responder à pergunta de como os sujeitos bolsonaristas, após a derrota eleitoral de Bolsonaro, construíram discursivamente seus atos referentes ao oito de janeiro em seus depoimentos na CPI dos Atos Antidemocráticos. Partimos da hipótese de que o período pós-eleitoral foi construído discursivamente como um cenário de guerra, em que os denominados cidadãos de bem enfrentavam um inimigo, o comunismo, personificado naquele momento por Lula, que representava a negação dos valores bolsonaristas.

Para atingir a resposta desta pergunta e testar a hipótese, foi traçado como objetivo principal compreender as construções discursivas de sujeitos bolsonaristas depoentes na CPI dos Atos Antidemocráticos através da Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015). Delimitou-se ainda os seguintes objetivos específicos: analisar o contexto de emergência do oito de janeiro de 2023; identificar o(s) antagonismo(s) no discurso dos depoentes bolsonaristas; analisar quais demandas e valores estão articulados em suas construções discursivas após a derrota eleitoral e identificar a dimensão afetiva dos discursos.

Nesse sentido, cada capítulo foi construído de maneira a cumprir com os objetivos delimitados. A introdução apresentou o contexto pós-eleitoral e o crescimento das insatisfações do eleitorado bolsonarista com a derrota nas urnas, culminando nos ataques aos prédios dos Três Poderes no dia oito de janeiro de 2023. Além disso, apresentou-se a pergunta, hipótese, objetivos e justificativa. No segundo capítulo, fizemos uma revisão de literatura tratando do bolsonarismo, buscando apreender o surgimento e sedimentação desse fenômeno. O terceiro capítulo apresentou a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, explorando conceitos como antagonismo, discurso e hegemonia, essenciais para nossa análise. O quarto capítulo discorreu sobre os procedimentos metodológicos, apresentando o *corpus* empírico, a metodologia qualitativa do tipo documental utilizada e a técnica de análise de discurso, além das categorias e cadeia de equivalências criadas a partir da análise de seus discursos. No quinto capítulo, discutimos os resultados obtidos, organizados em seis subcapítulos que, aprofundam a CPI, os depoentes analisados e os significantes e afetos em destaque no contexto observado.

Com base nas análises realizadas, confirmamos a hipótese: o discurso bolsonarista construiu discursivamente o contexto pós-eleitoral como uma guerra

moral, em que as Forças Armadas são significadas como portadoras da ordem e salvação. Nesse sentido, os discursos dos bolsonaristas depoentes na CPI reforçam a construção de uma identidade vitimizada, que porta valores religiosos, conservadores e patrióticos, que se opõe ao comunismo representado por Lula e outras figuras do processo democrático. Apesar desses elementos não serem novidade no discurso bolsonarista, destaca-se o uso de sentimentos, valores e significantes como “Deus”, “pátria”, “família” e “liberdade” para justificar ações que tinham como objetivo atentar contra a democracia brasileira

No contexto de escrita deste trabalho, eventos marcantes aconteceram, como a crise climática que afetou profundamente o Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil e do mundo, a seca histórica e queimadas que assolaram o país, a vitória eleitoral de Donald Trump nos Estados Unidos, além da recente tentativa de ataque com bomba ao Supremo Tribunal Federal, no dia 13 de novembro, que resultou na morte do terrorista portador dos explosivos. Ainda no momento de conclusão deste trabalho, a Polícia Federal expôs o plano intitulado de “Punhal verde e amarelo”, que consistia no planejamento de um golpe de Estado encabeçado por Jair Bolsonaro e militares de alta patente. Esses eventos demonstram o profundo cenário de crise que vivenciamos, tanto de nossas democracias quanto de nosso planeta. Nessa direção, nossos achados demonstram a necessidade de aprofundar o debate sobre eventos antidemocráticos, evidenciando, por exemplo, a instrumentalização de valores morais e afetos na tentativa de justificar e normalizar atos extremos.

À título de conclusão, destacamos que a Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe demonstrou uma satisfatória capacidade analítica para apreender elementos centrais desse momento crítico da democracia brasileira, ressaltando ainda o potencial de futuras investigações sobre o papel de afetos e identificações em cenários tanto de preservação quanto de ataque à democracia.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 127 p.

BOAVENTURA, R. P. **Bolsonarismo e o conceito freudiano de “massa”: um estudo da depredação das sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023**. 2023. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, Universidade de São Carlos, São Carlos.

BRASIL. **Gestão Alexandre de Moraes no TSE garantiu a legitimidade do voto popular nas Eleições 2022**. Tribunal Superior Eleitoral, Brasília, 25 maio 2024. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2024/Maio/gestao-alexandre-de-moraes-tse-garantiu-a-legitimidade-do-voto-popular-nas-eleicoes-2022>. Acesso em: 27 out. 2024.

CAMPOS, J. P. de. Moraes mantém preso PM da reserva que liderou acampamento golpista. **Metrópoles**, 04 abri. 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/moraes-mantem-presos-pm-da-reserva-que-liderou-acampamento-golpista>. Acesso em: 11 out. 2024.

COSTA, M; PAZ, M. da; SAID, F. **Bolsonaro faz primeiro pronunciamento após derrota nas eleições**. Metrópoles, Brasília, 1 nov. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2022/bolsonaro-faz-primeiro-pronunciamento-apos-derrota-nas-eleicoes>. Acesso em: 12 nov. 2024.

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL. **Relatório Final da CPI dos Atos Antidemocráticos**. Brasília, novembro de 2023. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2023/11/Relatorio-CLDF-29nov2023.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2024.

CHICO Vigilante é eleito presidente da CPI dos Atos Antidemocráticos e indica Hermeto para relatoria. **Portal da Câmara Legislativa do Distrito Federal**, Brasília, 7 fev. 2023. Disponível em: <https://www.cl.df.gov.br/-/chico-vigilante-e-eleito-presidente-da-cpi-dos-atos-antidemocraticos-e-indica-hermeto-para-relatoria>. Acesso em: 10 ago. 2024.

CORREA, M. G. *et al.* **Velhas e novas subjetividades fascistas: uma análise psicossocial do 8 de janeiro de 2023 no Brasil**. Juiz de Fora: [s.n.].

CNN. **Saiba quem é o cacique Serere Xavante, cuja prisão motivou protestos em Brasília**. CNN, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/saiba-quem-e-o-cacique-serere-xavante-cuja-prisao-motivou-protestos-em-brasilia/>. Acesso em 12 out. 2024.

CPI em números: às vésperas do encerramento, veja como foi a atuação da comissão até aqui. 2023. **Câmara Legislativa do Distrito Federal**, 2023. Disponível em: <https://www.cl.df.gov.br/-/cpi-em-numeros-as-vesperas-do-encerramento-veja-como-foi-a-atuacao-da-comissao-ate-aqui>. Acesso em: 10 ago. 2024.

DISTRITO FEDERAL. Câmara Legislativa. Ato do Presidente nº 138, de 2023. **Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal**, Brasília, DF, n. 34, p. 27, 8 fev. 2023. Disponível em: http://sei.cl.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_externo=0&codigo_verificador=1040596&codigo_crc=2E434F71. Acesso em: 10 ago. 2024.

FALCÃO, M. **8 de janeiro**: STF já condenou mais de 200 executores dos atos golpistas; penas chegam a 17 anos. G1, Brasília, 29 de abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/04/29/8-de-janeiro-stf-ja-condenou-mais-de-200-executores-dos-atos-golpistas-penas-chegam-a-17-anos.ghtml>. Acesso em: 17 out. 2024.

G1. **Entenda acampamentos bolsonaristas, violência e terrorismo**. G1, Distrito Federal, 30 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/30/entenda-acampamentos-bolsonaristas-violencia-terrorismo.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2024.

HOFFMANN, F. A extrema direita no poder: Bolsonaro e o bolsonarismo. **Orbis Latina**, Foz do Iguaçu, v. 12, n. 1, p. 4-20, 2022. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/orbis/article/view/3161>. Acesso em: 24 set. 2024.

LOPES, A. J; LIMA, S. **Bolsonaro fala pela 1ª vez a apoiadores após derrota**: 'Dói na alma'. Poder360, Brasília, 9 nov. 2022. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-fala-pela-1a-vez-a-apoiadores-apos-derrota-doi-na-alma/>. Acesso em: 26 out. 2024.

LUZ, M. D. da. **O povo no caleidoscópio: o discurso bolsonarista à luz das teorias contemporâneas do populismo**. 2022. 295 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/9775>. Acesso em: 20 set. 2024.

LACLAU, E. **A razão populista**. Tradução: Carlos E. M. de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013. 383 p.

LACLAU, E; MOUFFE, C. **Hegemonia e Estratégia Socialista**: Por uma política Democrática Radical. Tradução: Joanildo A. Burity, Josias de Paula Jr. e Aécio Amaral. 1. ed. São Paulo: Intermeios. Brasília: CNPq, 2015. 286 p.

MARTINUZZO, J. A.; DARRIBA, V. A. Terrorismo, ciberterritórios, fake news e o fenômeno das massas “instrumentárias”. **Liinc em Revista**, v. 19, n. 1, 4 jun. 2023.

MATTOS, M. Bolsonaro não reconhece derrota e sai do poder pela porta dos fundos. **Veja**, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-nao-reconhece-derrota-e-sai-do-poder-pela-porta>>. Acesso em: 25 out. 2024.

MENDONÇA, D. de. A noção de antagonismo na ciência política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso. **Revista de Sociologia e Política**, n. 20, p. 135-145, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/nnfTfDcTbnPNk4wbXwFnWpt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MENDONÇA, D. de. Como olhar “o político” a partir da teoria do discurso. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 153-159, 2009.

MENDONÇA, D. de. **A ameaça da egopolítica**. In: 12º Encontro da ABCP, 18 a 21 de agosto de 2020, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: ABCP, 2020. p. 1-20.

MENDONÇA, D. de. ¿Por qué el bolsonarismo no sería populista? Why Wouldn't Bolsonaro Be Populist? **Studia Politicæ**, n. 60, 2023, p. 301-335. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22529/sp.2023.60.11>. Acesso em: 25 set. 2024

MOUFFE, C. **Por um populismo de esquerda**. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. 147 p.

MOUFFE, C. **Towards a Green Democratic Revolution: Left Populism and the Power of Affects**. London: Verso, 2022. 63 p.

CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: debate entre público e privado**. V. 10, n. 24. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.32335/2238-0426.2020.10.24.2060>. Acesso em: 10. out. 2024.

RIOS, A. Veja prints de mensagens de grupo golpista de Ana Priscila Azevedo. **Metrópoles**. 28. set 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/veja-prints-de-mensagens-de-grupo-golpista-de-ana-priscila-azevedo>. Acesso em: 12 out. 2024.

SINGER, A. V. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 276 p.